



**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**

**ÂNIMA EDUCAÇÃO**

**GABRIELLA PENACHIONI NEVES**

**FABRICIO CORREA**

**LUDMILA RIBEIRO DOS SANTOS**

**YASMIN COSTA GUERRERO**

**A INVASÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO IRAQUE:  
A PERVERSIDADE DA GUERRA AO TERRORISMO**

São Paulo

2023

**GABRIELLA PENACHIONI NEVES**  
**FABRICIO CORREA**  
**LUDMILA RIBEIRO DOS SANTOS**  
**YASMIN COSTA GUERRERO**

**A INVASÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO IRAQUE:  
A PERVERSIDADE DA GUERRA AO TERRORISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Anhembi Morumbi como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. João Estevam dos Santos Filho, Me.

São Paulo

2023



## RESUMO

O presente estudo trata-se sobre a invasão dos Estados Unidos no Iraque ocorrida no ano de 2003, a qual foi um resultado da nova política externa adotada pelo governo norte-americano seguida dos ataques de 11 de setembro e chamada de Guerra ao Terrorismo que consistiu no combate às ações terroristas em âmbito global. Tendo em vista a necessidade de entender a razão do que levou os americanos a invadirem o território iraquiano, este trabalho possui o objetivo de identificar o que motivou os Estados Unidos a invadirem o Iraque. Portanto, os meios utilizados para realizar a pesquisa foram análise de contexto histórico e de acontecimentos prévios à invasão, além da leitura de artigos e outras referências bibliográficas, bem como a consulta de documentos oficiais da Casa Branca e de discursos realizados por autoridades envolvidas na invasão, como o então presidente dos Estados Unidos, George Bush. A partir dessa reflexão, os resultados apontam que a influência iraniana exercida sobre o Oriente Médio ameaçava o desejo de hegemonia única e global americano, e que, portanto, pode-se concluir que a invasão dos Estados Unidos no Iraque foi um resultado de uma política externa pós-11 de setembro que visava conseguir instaurar uma unipolaridade americana e reconquistar a importância dos Estados Unidos perante o sistema internacional.

**Palavras-chave:** Iraque; Irã; Estados Unidos; Invasão; Terrorismo; Influência .

## **ABSTRACT**

This study is about the United States invasion on Iraq that happened in 2003, that was a result of a new foreign policy adopted by the North American government followed by the attacks on September 11th and called the War against terrorism that has consisted of combating terrorist actions on the global sphere. Having the necessity to understand the reason why the americans invaded the territory of Iraq, this work has the objective to identify the motivation of the United States of invading Iraq. Than the ways used to do the search was analyze of historical context and previous events to the invasion, beside reading of articles and other bibliographical references, like consultation of White House documents and speeches by authorities involved on the invasion, the current president of United States, George Bush.

From this reflection, the results point out that the Iranian influence exercised on the Middle East threatened the desire for American unique hegemony and global influence, and therefore it can be concluded that the invasion from the United States of America on Iraq was the result of a foreign policy after the September 11th that aimed to establish an american unipolarity and to win back the United States importance on the international system .

**Key words :** Iran; Iraq; United States; Invasion; Terrorism;Influence

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
2.	<b>OBJETIVOS</b> .....	8
2.1	<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	8
2.2	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	8
3.	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	8
4.	<b>GUERRA DO GOLFO</b> .....	10
5.	<b>GUERRA ENTRE IRÃ E IRAQUE</b> .....	12
6.	<b>RELAÇÃO ENTRE ESTADOS UNIDOS E IRÃ</b> .....	15
6.1	<b>RELAÇÃO ENTRE EUA E IRÃ NAS DÉCADAS DE 90/2000</b> .....	16
7.	<b>DOCTRINA BUSH</b> .....	18
8.	<b>A INVASÃO AMERICANA NO IRAQUE</b> .....	20
9.	<b>A INFLUÊNCIA DO IRÃ NO ORIENTE MÉDIO</b> .....	24
10.	<b>INTERESSE DOS ESTADOS UNIDOS NO ORIENTE MÉDIO</b> .....	25
11.	<b>CONCLUSÃO</b> .....	28
12.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	31

## 1. INTRODUÇÃO

Dado que os Estados Unidos instaurou a Guerra ao Terrorismo após os ataques de 11 de setembro em 2001 com a justificativa de que estariam combatendo ações terroristas em âmbito global, a invasão ao Iraque em 2003, portanto, foi uma etapa importante desse conflito, pois seguida da ocupação americana no território iraquiano que durou oito anos, houve também a destituição do governo de Saddam Hussein.

Tendo em vista a ação militar liderada pelo governo de George Bush, nota-se diversas controvérsias envolvendo a justificativa oficial dada para a invasão ao Iraque, visto que nunca foram apresentadas evidências sólidas de produção de armas químicas no Iraque ou de envolvimento de Saddam Hussein nos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Portanto, o presente trabalho possui como problema de pesquisa o que motivou os Estados Unidos a invadir o Iraque, tendo como hipótese de que essa ação teria sido tomada pelo governo norte-americano, para que fosse possível reduzir a influência do Irã sobre a região do Oriente Médio.

Logo, faz-se necessária a pesquisa sobre o motivo que levou os americanos a invadir o Iraque para que seja possível compreender a história e os reais interesses dos atores envolvidos, especialmente dos Estados Unidos com tal estratégia militar, e com o intuito de não endossar narrativas que não foram devidamente comprovadas, as quais podem ser prejudiciais para a formação de pensamento individual e coletiva. Sendo assim, o presente estudo também almeja contribuir para a discussão do tema através da apresentação de uma outra hipótese que justifique a invasão apresentada anteriormente.

Para embasar este trabalho, será usado como referencial teórico a corrente realista, mais especificamente os pensamentos compartilhados por Nicolau Maquiavel e Hans Morgenthau. Ambos são figuras de destaque por seus estudos e ideias que nos apresentam uma face sincera do que acontece no mundo: embates, guerras planejadas, disputa de poder, etc, e sem qualquer intenção de ilusão ou defesa de o que deveria acontecer no “mundo ideal”.

O propósito deste estudo é entender e descobrir o que levou os EUA a invadirem o Iraque e a suposta guerra contra o terrorismo citada pelo presidente americano da época, George Bush; identificar se a hipótese de que os EUA queriam barrar a influência do Irã no Iraque é verdadeira e entender o desejo de uma maior influência no território árabe.

Para a realizá-lo, a abordagem e técnicas serão utilizadas por meio do método qualitativo através da análise de discursos feitos na época, em especial os de George Bush; pesquisas bibliográficas por meio da leitura de artigos científicos sobre o tema; análise de

contexto histórico e de acontecimentos anteriores à invasão que impactam na relação entre os atores envolvidos e análise de documentos oficiais, destacando o The National Security Strategy divulgado pelo governo norte-americano de George Bush. Por conseguinte, o marco temporal do estudo é até o governo Bush.

Este trabalho será de natureza básica e terá o objetivo descritivo.

Além da apresentação da introdução, na qual é o problema de pesquisa é introduzido e dos objetivos que este trabalho almeja alcançar presentes nas duas primeiras sessões, sendo a segunda dividida entre objetivo geral e específicos, a apresentação do referencial teórico utilizado como base para o desenvolvimento do estudo encontra-se na terceira sessão. Contudo, ao decorrer do desenvolvimento do estudo serão encontradas diferentes sessões: a Guerra do Golfo é a quarta e a guerra entre o Irã e o Iraque a quinta, ambas com o intuito de explicar os conflitos no Oriente Médio que impactaram o sistema internacional e precederam a invasão no Iraque, enquanto a sexta é encarregada de tratar sobre as relações dos Estados Unidos e Irã, tendo uma dedicada especialmente às relações das décadas de 90 e 2000; e a sétima sobre a Doutrina Bush que embasou a política externa americana após os ataques terroristas em 2001. Sendo assim, em seguida, na oitava sessão encontra-se a sobre a invasão americana no Iraque em 2003, enquanto a nona é referente à influência do Irã sobre a região do Oriente Médio, sendo seguida pela décima sessão que aborda os interesses americanos sobre essa região. Por último, encontram-se as sessões de conclusão e referências bibliográficas, nas quais serão encontradas os resultados da pesquisa e as fontes utilizadas para tal, respectivamente,

## **2. OBJETIVOS:**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Identificar o motivo que levou os Estados Unidos a invadir o Iraque.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Para concretizar o objetivo geral, foi elaborado os seguintes objetivos específicos

- Estabelecer o contexto e passado histórico entre os Estados envolvidos.
- Identificar o verdadeiro interesse dos EUA em relação ao Iraque que motivou a invasão.
- Analisar a influência do Irã sobre o Oriente Médio e seu impacto sobre os Estados Unidos.

## **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para estabelecer um embasamento teórico ao nosso tema apresentado, decidimos optar pela escolha da teoria Realista como modelo de análise.

Sabe-se que a teoria Realista tem como principal objetivo mostrar o mundo da forma como ele é, sem criação de ilusões ou ocultação de fatos, seja ele qual for. Segundo Maquiavel (pioneiro no pensamento realista), tudo vale para que um Estado se mantenha no poder e proteja inteiramente sua soberania. Para ele, pouco importa se se faz necessário o uso da violência ou manipulação, o Estado cumprindo seus métodos e chegando ao seu objetivo é o que de fato importa. Há uma frase emblemática de Nicolau Maquiavel para explicar bem no contexto:

” Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que daí algum tempo pode resultar dela” (MAQUIAVEL, Nicolau, 1532).

A citação acima descreve basicamente toda e qualquer guerra que surge por motivos e vontades individuais distintas, sem pensar em quais serão as consequências futuras. Fazendo uma relação direta ao nosso tema, os Estados Unidos partem para a invasão ao Iraque exatamente como descrito acima, com sua vontade de impor seus objetivos sem sequer pensar em como ficaria o cenário pós guerra.

Outro autor muito interessante da corrente realista que gostaríamos de citar é Hans Morgenthau que nos explica muito como surgem as relações de poder, quais suas devidas importâncias e como um Estado age para sempre se manter no poder. Para ele, a natureza humana sempre será hostil e individualista (Hans bebe da fonte de pensamento de Thomas Hobbes- o estado de natureza é um estado de guerra), levando os Estados a entrarem em uma constante busca pela dominação do poder no sistema internacional. Fazendo paralelo ao nosso tema, esse foi justamente um dos motivos que levou aos EUA invadirem o Iraque: intenção da aplicação e expansão do poder norte-americano em território do oriente médio através da dominação e repressão militar e política. Para Morgenthau, de tudo vale para que um país se mantenha no topo da cadeia de poder, no caso os EUA sendo a primeira potência mundial que jamais deveria se colocar sob condição de ter sua Soberania ameaçada por qualquer outro país do sistema internacional, principalmente se formos considerar que os EUA já haviam encarado uma grande disputa pela hegemonia durante o período da guerra fria e o que leva um Estado a conseguir se manter nesse centro de poder, é justamente saber articular no sistema com os demais Estados fazendo uso de: manipulação, dominação, ameaças (diretas ou indiretas), construção de alianças, retaliações aos inimigos, etc. Entende-se muito claramente por parte dos norte-americanos que para se manter no controle da hegemonia mundial deve-se

expandir (expansão territorial, cultural, militar...) pois somente assim pode-se alcançar uma influência no SI levando a um respeito e até mesmo um certo temor por todos os Estados.

#### **4. GUERRA DO GOLFO**

A Guerra do Golfo, também conhecida como Operação Tempestade no Deserto, foi um conflito militar que ocorreu de 2 de agosto de 1990 a 28 de fevereiro de 1991. Essa guerra teve origem na invasão do Kuwait pelo Iraque, liderada pelo então presidente Saddam Hussein, em agosto de 1990.

A comunidade internacional, liderada pelos Estados Unidos e reforçada por uma coalizão de países, condenou a invasão e impôs sanções ao Iraque. Quando as negociações diplomáticas falharam em resolver a situação, uma coalizão liderada pelos Estados Unidos lançou uma campanha militar para expulsar as forças iraquianas do Kuwait.

A principal fase da guerra começou em janeiro de 1991, com intensos ataques aéreos de aliados dos EUA, seguidos por uma invasão terrestre em fevereiro daquele ano. A superioridade militar da coalizão foi inevitável, e as forças iraquianas foram rapidamente derrotadas.

A Guerra do Golfo teve consequências significativas para a região e para as relações internacionais. Embora tenha conseguido libertar o Kuwait, o conflito deixou Saddam Hussein no poder no Iraque, o que contribuiu para eventos subsequentes, como a Guerra do Iraque em 2003. Além disso, a presença militar dos Estados Unidos na região aumentou consideravelmente após a guerra, mudando as dinâmicas geopolíticas no Oriente Médio.

A Guerra do Golfo teve suas origens na invasão do Kuwait pelo Iraque em agosto de 1990. Saddam Hussein, o presidente iraquiano na época, justificou a invasão com várias razões, principalmente questões territoriais e econômicas.

A causa imediata da guerra foi a invasão do Kuwait pelo Iraque. O então presidente iraquiano Saddam Hussein alegou que o Kuwait estava produzindo petróleo além das cotas previstas pela OPEP e estava prejudicando a economia iraquiana. No entanto, muitos analistas viram isso como uma tentativa de Saddam Hussein de consolidar o poder e controlar os recursos petrolíferos da região. Havia também disputas territoriais e econômicas pelos os dois

países. O Iraque buscava ganhar acesso ao Golfo Pérsico e controlar uma parte significativa das reservas de petróleo da região.

Além das razões apresentadas acima, o Iraque foi altamente endividado após a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), e o país enfrentou dificuldades econômicas significativas. Os baixos preços do petróleo na época agravaram ainda mais a situação financeira do Iraque. Saddam Hussein esperava que, ao controlar o Kuwait, pudesse aumentar suas receitas de petróleo e aliviar a pressão econômica sobre seu país.

No entanto, a comunidade internacional, liderada pelos Estados Unidos, condenou fortemente a invasão do Kuwait. As Nações Unidas impuseram punições imediatas ao Iraque e exigiram a retirada incondicional das tropas iraquianas do Kuwait. A recusa do Iraque em se retirar levou à formação de uma coalizão internacional para libertar o Kuwait da invasão iraquiana.

A invasão do Kuwait pelo Iraque foi condenada pela comunidade internacional, e as Nações Unidas responderam rapidamente, emitindo uma série de resoluções condenatórias e impondo avaliações ao Iraque. As tentativas de solucionar essa crise falharam diplomaticamente, levando à formação de uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos, que lançou a Operação Tempestade no Deserto para expulsar as forças iraquianas do Kuwait. Essa operação marcou o início da Guerra do Golfo, que ocorreu de janeiro a fevereiro de 1991.

A Guerra do Golfo chegou ao fim oficialmente em 28 de fevereiro de 1991, quando o presidente dos Estados Unidos, George Bush, anunciou a paralisação do conflito. Esse anúncio marcou o fim da fase militar da operação iniciada pela coalizão internacional para expulsar as forças iraquianas do Kuwait.

A decisão de encerrar as hostilidades foi tomada após uma campanha militar bem-sucedida da coalizão, que incluiu ataques aéreos intensos e uma invasão terrestre que levou à rápida retirada das forças iraquianas do Kuwait.

Além do anúncio do fim da guerra, uma série de condições foi estabelecida para o Iraque, incluindo um cessar-fogo, a retirada total de suas tropas do Kuwait, o

comprometimento com o respeito às resoluções da ONU, e a facilitação de inspeções para garantir o cumprimento dessas condições.

A comunidade internacional, liderada pelos Estados Unidos, continuou a monitorar de perto as atividades do Iraque após o cessar-fogo, e foram impostas avaliações econômicas até que o Iraque cumprisse totalmente as condições condicionais pelas resoluções da ONU. As avaliações tiveram um impacto significativo na economia iraquiana e na vida da população civil.

Embora a Guerra do Golfo tenha alcançado seus objetivos imediatos de liberar o Kuwait da ocupação iraquiana, as implicações no longo prazo foram complexas. Saddam Hussein interveio no poder no Iraque, e as questões não resolvidas, como as relações entre as comunidades sunita e xiita, bem como as minorias, apoiando a criar desafios na região. Esses fatores se desenvolveram para eventos posteriores, incluindo a invasão do Iraque liderada pelos EUA em 2003.

## **5. GUERRA ENTRE IRÃ E IRAQUE**

A revolução iraniana de 1979 foi o marco principal que proporcionou ao Irã o início de uma nova realidade tanto política quanto social. Em 1979, entrou no poder o líder religioso Aiatolá Khomeini com fortes ideais conservadoras, conquistando mais da metade da população. A partir de então, houve uma retomada das raízes religiosas e ideológicas (Constituição da República Islâmica do Irã), afastamento em relação ao Ocidente (principalmente um afastamento com os EUA), mudança no sistema político dando apoio a democracia no país e a aceitação de um líder religioso que fosse considerado como supremo por toda a população.

O ato revolucionário iraniano surgiu como ideia de pôr fim à monarquia iraniana (onde havia um governo autoritário e absurdamente corrupto) e trazer ao poder um líder. A revolução iraniana de 1979 foi o marco principal que proporcionou ao Irã o início de uma nova realidade tanto política quanto social. Em 1979, entrou no poder o líder religioso Aiatolá Khomeini com fortes ideais conservadores, conquistando mais da metade da população. A partir de então, houve uma retomada das raízes religiosas e ideológicas (Constituição da República Islâmica do Irã), afastamento em relação ao Ocidente (principalmente um

afastamento com os EUA), mudança no sistema político dando apoio a democracia no país e a aceitação de um líder religioso que fosse considerado como supremo por toda a população.

O ato revolucionário iraniano surgiu como ideia de pôr fim à monarquia iraniana (onde havia um governo autoritário e absurdamente corrupto) e trazer ao poder um líder conservador e religioso que visasse e proporcionasse o bem e segurança do Estado e população. O afastamento com os EUA gerou um impacto mundial na imagem do Irã. Isso porque para o mundo o Irã passou a ser visto (e segue sendo até os dias de hoje) como o “vilão terrorista” e os EUA como inocentes defensores da democracia.

Entretanto, vale ressaltar que nem sempre Irã e EUA foram adversários, até os anos 50 o maior inimigo era o Reino Unido por explorarem o petróleo iraniano sem trazer o retorno necessário e justo ao Irã e até os anos 50 os EUA não tinham forte influência e dominação sobre o Oriente Médio, o que mudou totalmente quando a população iraniana pediu ajuda do então governante Mohamed Mossadeq (primeiro governante democraticamente eleito) para que impedisse as práticas de exploração do petróleo por parte do Reino Unido. A medida tomada foi iniciar a nacionalização das indústrias de petróleo, acabando com o negócio extremamente lucrativo do Reino Unido mantido por décadas. O Reino Unido por sua vez acabou descobrindo as intenções do governo Mossadeq e passou a declarar campanhas de intimidação com sanções econômicas, ameaças de invasões e planos para derrubar o governante iraniano. Em resposta, o Irã decidiu fechar a embaixada britânica em Teerã e expulsar o país do corpo diplomático. Sem saída, o Reino Unido recorre ao seu último recurso: pedir ajuda aos Estados Unidos para aplicar um golpe e tirar Mohamed Mossadeq do poder. O golpe foi dado e o petróleo voltou para o controle dos EUA.

Como citado anteriormente, mesmo com essa imagem estereotipada frente ao mundo ocidental e com as explorações constantes de seu recurso natural pelas grandes potências, no Oriente Médio o Irã é considerado um forte player devido a sua influência exercida principalmente por sua geopolítica estratégica e bem articulada (Irã mantinha relações com países fortes como China e Rússia) , isso se inicia no período pós revolução iraniana. Contudo, a revolução iraniana acabou trazendo um novo adversário para o Irã: o Iraque. O então ditador iraquiano Saddam Hussein (passou a governar em 1979, mesmo ano em que a Revolução iraniana) passou a temer que a revolução iraniana ganhasse força e pudesse influenciar/conquistar a população iraquiana para seguir os mesmos passos. Outro ponto que

mantinha a tensão entre os dois países era a questão religiosa pois no Irã seguia-se a vertente xiita e no Iraque a vertente sunita.

O Iraque passou então a utilizar seus então aliados (Estados Unidos e Arábia Saudita) como “arma” para conter a expansão da revolução iraniana. Ambos países citados acima viam o Irã como uma enorme ameaça para os seus interesses (políticos mas acima de tudo econômicos) no Oriente Médio. O que gerou o ápice da tensão entre Irã e Iraque foi que o governo iraniano estava incentivando os xiitas a se rebelarem e a irem contra todas as ações, políticas e falas do governo de Saddam Hussein. O então governante do Iraque entendia as ações tomadas pelo governante do Irã como uma forma de dominação que iria contra a soberania de seu Estado, por isso, o Irã estava sendo uma forte ameaça.

A tensão chegou ao ponto de haver o rompimento diplomático entre os dois países em 1980. E enquanto isso, o Iraque recebia investimentos/financiamentos e ajuda bélica para caso houvesse uma possível invasão iraniana. Em 22 de setembro de 1980, o Iraque começou a atacar seus primeiros alvos iranianos causando a invasão do território do país e dando início a guerra. Com a guerra iniciada, os dois países tinham sede de vencer para defender seus respectivos interesses. O Irã com o interesse de conquistar territórios do Iraque para formar uma república xiita e o Iraque por sua vez, com interesse em conquistar a província iraniana mais rica em petróleo (essa é a fonte de interesse que os países tinham no Irã, sua riqueza em petróleo) e conter a expansão da Revolução Islâmica. Como toda guerra, o resultado final foi a morte de milhares de pessoas de forma totalmente brutal, inclusive, a guerra entre Irã e Iraque ficou conhecida como um dos conflitos mais violentos da segunda metade do século XX.

Durante a guerra, o ditador iraquiano decidiu optar por fazer o uso de ataques com armas químicas, o que foi declarado como violação dos direitos humanos. A guerra se deu por mais de 6 anos e só se encerrou com a posição do Conselho de Segurança da ONU, que decidiu apoiar um cessar-fogo entre os países. Por fim, nenhuma das partes saiu vencedora da guerra, tendo em vista que nenhum dos países conquistaram seus objetivos iniciais. Os EUA se voltaram contra o Iraque pós guerra pois não concordavam com o uso de armas químicas durante uma guerra e também pelo fato de temerem que o Iraque voltasse a utilizar esse tipo de armamento em algum possível conflito futuro. Sendo assim, a perda de apoio e financiamento afetou muito o Iraque, fragilizando o país ainda mais depois do conflito.

## 6. RELAÇÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E IRÃ

Conforme mencionado anteriormente, até a década de 50 o grande rival do Irã era o Reino Unido, já que possuíam grande interesse na região do Oriente Médio, principalmente no petróleo que existia no território iraniano. Com a nacionalização do petróleo por parte do primeiro-ministro, o Reino Unido quis intimidar o país atacando barcos em seus portos, o que provocou a expulsão da embaixada britânica de Teerã, que pediu ajuda aos EUA, dando início à intervenção.

Em 1953 aconteceu no Irã uma intervenção estrangeira realizada pela CIA com ajuda do Reino Unido. A operação Ajax possibilitou o acontecimento de um golpe de estado. O golpe derrubou o primeiro ministro eleito democraticamente restabelecendo a monarquia no país. Através do golpe sendo aplicado com a ajuda dos EUA, muitos iranianos têm um sentimento antiamericano já que por culpa deles a liberdade dos civis foi tomada. Muitos dizem que o golpe foi relacionado com a Guerra Fria pelo medo de se aproximarem da União Soviética e conseqüentemente do comunismo. Os iranianos, então, adquiriram um grande sentimento nacionalista que culminou na revolução islâmica em 1979 e envenenou os seus pensamentos contra os EUA.

Após a ajuda com o golpe de estado, a relação EUA e Irã foi amigável por 26 anos, porém o Irã se opunha a alguns acordos por parte dos EUA, devido à priorização de seus interesses. A revolução islâmica devolveu ao país o domínio total do petróleo que estava nas mãos do Reino Unido e outros países.

Em 1979 o monarca não conteve a revolta civil contra a monarquia acusando de ser um governo autoritário, fazendo manifestações e principalmente greve na produção de petróleo que era a principal fonte de renda do país, ocasionando a fuga do monarca do país.

A revolução islâmica ocorreu após a saída do monarca do país, o líder islâmico Ruhollah Musavi Khomeini que em 1964 tinha sido forçado a deixar o país, voltou. Com a sua volta fez grandes críticas ao governo de Xá, motivo que o tinha feito ir embora, e o acusou de se vender aos EUA que ele chamava de Grande Satã. O sentimento antiamericano da sociedade civil ajudou o líder religioso a realizar com sucesso a revolução islâmica e um dos pilares dessa revolução era o desvencilhamento dos EUA, com isso o país foi nomeado República islâmica do Irã e a embaixada dos Estados Unidos foi tomada.

Alguns diplomatas e civis americanos que se manifestaram contra foram feitos de reféns, enquanto o cerco do edifício foi realizado por 444 dias. Alguns conseguiram fugir se passando por cineastas e os 52 últimos foram libertos no dia em que o Reagan foi eleito nos EUA em janeiro de 1981. Portanto, as relações diplomáticas dos Estados Unidos com o Irã foram congeladas e assim permanecem até hoje .

Após esse corte nas relações diplomáticas entre os dois países, os americanos começaram a aplicar sanções contra o Irã, devido a um medo gerado da influência iraniana sob a região do Oriente Médio, sendo possivelmente um dos motivos que fez com que as forças americanas atacaram o Iraque, país vizinho ao seu mais novo inimigo.

O presidente Jimmy Carter proibiu as importações do petróleo iraniano e congelou cerca de 12 bilhões de dólares em ativos iranianos, que foram suspensas quando os civis foram libertados, porém outras sanções foram feitas com o passar dos anos .

Em 1984 Reagan declarou o Irã como país patrocinador do terrorismo e se opôs aos países que fizessem empréstimos ao Irã, proibindo também a importação de alguns produtos .

Na guerra entre Irã e Iraque, o presidente norte americano Reagan ficou do lado do iraquiano Saddam Hussein, o que fez com que o iranianos achassem tal ação mais traiçoeira que o próprio golpe de Estado, porque através desse apoio dos EUA, o Iraque teve acesso a armas químicas que foram usadas contra o Irã e até mesmo contra iraquianos o que levou a campanha genocida da Anfal que matou milhares de curdos em minutos .

O governo americano que mais prejudicou o Irã foi o do Clinton que proibiu qualquer participação de empresas americanas nas ações petrolíferas iranianas e limitou o intercâmbio comercial entre os dois países com a justificativa que o Teerã estava fabricando armas de destruição em massa. As sanções tiveram continuidade no governo Bush.

## **6.1 RELAÇÃO ENTRE EUA E IRÃ NAS DÉCADAS DE 90/2000**

Em 1992 no governo de George Bush o congresso norte americano aprovou a lei de proliferação de armas Irã-Iraque, em 1995 e 1996 aprovaram outras sanções sobre empresas norte-americanas que investiam em gás natural e petróleo na região.

Após os ataques do 11 de setembro na casa branca, o presidente norte americano George Bush se alinha ao Irã para derrotar as forças do Taleban, um inimigo comum, porém essa união não durou muito tempo, pois em 2002 declarou Irã, Iraque e Coreia do norte como eixo do mal, com isso governo iraniano interrompe as reuniões secretas que realizava com os diplomatas norte americanos que eram esforços antiterroristas, desde então os países não possuem boa relação já que os Eua os acusavam de quebrar o acordo do conselho de segurança da ONU da proibição de armas de destruição em massa.

Na década de 1990, as relações entre os Estados Unidos e o Irã foram complexas e marcadas por uma série de eventos significativos. Os Estados Unidos impuseram sanções econômicas ao Irã ao longo da década de 1990, como resultado de preocupações relacionadas ao programa nuclear iraniano e às atividades de apoio ao terrorismo.

Durante esse mesmo período houve significativas mudanças políticas no Irã. O presidente Akbar Hashemi Rafsanjani, que havia adotado uma postura mais pragmática, buscou melhorar as relações com o Ocidente, incluindo os Estados Unidos. Houve alguns sinais de melhoria nas relações, especialmente durante a presidência de Rafsanjani e, posteriormente, com a eleição do presidente moderado Mohammad Khatami em 1997. Khatami expressou desejo de diálogo construtivo com os Estados Unidos e propôs a diplomacia de diálogo.

Apesar de alguns esforços para melhorar as relações, as sanções econômicas continuaram a ser uma questão central. O Ato de Sanções e Liberdade Iraniana de 1996 impôs novas sanções, visando o setor de petróleo e gás do Irã. Em 1997, o Irã libertou 10 prisioneiros americanos, o que foi visto como um gesto positivo nas relações bilaterais.

Durante esse período, os Estados Unidos também buscaram garantir o acesso a fontes de petróleo no Golfo Pérsico, e as políticas em relação ao Irã muitas vezes foram influenciadas por considerações energéticas.

Já em relação aos anos 2000, a relação entre Estados Unidos e o Irã foi marcada por uma série de eventos complexos, refletindo tensões políticas, questões nucleares e divergências regionais. Algumas das principais características desse período incluem. A invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003 foi um ponto crucial nas relações EUA-Irã. Embora o Irã e os EUA compartilhassem o objetivo de remover Saddam Hussein do poder, as

relações ficaram tensas devido às preocupações dos EUA sobre a influência iraniana no pós-guerra e à percepção de que o Irã estava ajudando grupos insurgentes no Iraque.

As preocupações sobre o programa nuclear iraniano tornaram-se uma questão central nas relações bilaterais. O Irã enfrentou pressões internacionais, lideradas pelos EUA, para limitar seu programa nuclear, com alegações de que estava buscando desenvolver armas nucleares.

A eleição de Mahmoud Ahmadinejad como presidente do Irã em 2005 introduziu uma fase de retórica mais beligerante. Ahmadinejad adotou uma postura desafiadora em relação aos Estados Unidos e se tornou uma figura controversa na arena internacional. Em 2006, houve uma tentativa de reaproximação, Ahmadinejad enviou uma carta ao então presidente dos EUA, George W. Bush, abordando questões globais e propondo um novo começo nas relações. No entanto, a carta não resultou em mudanças significativas nas relações bilaterais.

## **7. DOUTRINA BUSH**

A Doutrina Bush consiste na estratégia de política externa adotada pelo governo do então presidente dos Estados Unidos em 2001, George Bush, cuja justificativa dada era o foco em combater ameaças terroristas em escala global e defender sua segurança interna, após os resultados dos ataques terroristas de 11 de setembro ocorridos no mesmo ano, em território norte-americano.

O governo americano anunciou não somente o combate às organizações e Estados financiadores de grupos terroristas que tentassem utilizar armas de destruição em massa, mas também o foco na defesa nacional dos Estados Unidos, de sua população e de seus interesses domésticos e externos, baseando a estratégia no reconhecimento de possíveis ameaças antes delas ultrapassarem as fronteiras americanas, enquanto também afirma que também não hesitariam em agir unilateralmente, devido ao seu direito de se defender. Ao passo que ações ofensivas eram um mecanismo utilizado para o conflito, também defendiam o uso da influência americana para trabalhar com aliados, com o intuito de fazer com que governos devidamente respeitáveis condenassem práticas terroristas, além do uso da diplomacia para defender a liberdade. (THE NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002, ).

Segundo o documento THE NATIONAL SECURITY STRATEGY divulgado pelo governo Bush em setembro de 2002, os Estados Unidos não estavam lutando contra somente

um inimigo, pois não se tratava de um regime político, pessoa, religião ou ideologia específica, mas de práticas terroristas premeditadas e com cunho político que fundamentava a violência contra inocentes.

Portanto, as autoridades americanas passaram a defender o discurso de que a guerra contra o terrorismo seria diferente de qualquer outra já vista por se tratar de um conflito com um “inimigo particularmente elusivo”, ou seja, não haveria um inimigo propriamente definido, o que justifica o posicionamento tomado de também defender a “não distinção entre terroristas e aqueles que conscientemente os abrigam ou os ajudam”, o que foi usado como justificativa para a invasão ao Afeganistão. Sendo assim, os Estados Unidos afirmaram que não aceitariam qualquer exigência proveniente de terroristas e também não estariam disponíveis para a realização de qualquer acordo com eles. (THE NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002).

“Os Estados Unidos da América estão a travar uma guerra contra terroristas de alcance global. O inimigo não é um único regime político, pessoa, religião ou ideologia. O inimigo é o terrorismo – violência premeditada e com motivação política perpetrada contra inocentes (...) A luta contra o terrorismo global é diferente de qualquer outra guerra na nossa história. Será travada em muitas frentes contra um inimigo particularmente esquivo durante um longo período. O progresso virá através da acumulação persistente de sucessos – alguns visíveis, outros invisíveis.”

(THE NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002, cap. 3. p. 3, tradução nossa).

De acordo com Paulo Vizentini, a política externa americana adotada pela Doutrina Bush também buscava estabelecer uma unipolaridade americana no sistema internacional, onde os Estados Unidos seria a única potência capaz e responsável por defender o mundo de terroristas, através do início de um conflito com um novo inimigo, após o fim da Guerra Fria e da derrota do regime socialista soviético.

“Mas a nossa responsabilidade para com a história já é clara: responder a estes ataques e livrar o mundo do mal. A guerra tem sido travada contra nós através da furtividade, do engano e do assassinato. Esta nação é pacífica, mas feroz quando irritada. O conflito começou no momento e nos termos de outros. Terminará da maneira e na hora que escolhermos.” (BUSH, George. Washington, DC, 2001, tradução nossa).

Diante disso, a Doutrina Bush caracteriza-se por três princípios fundamentais, sendo eles: a escolha do terrorismo como principal inimigo para a comunidade internacional, tendo encurralado outras nações que optaram pela neutralidade no conflito, como apoiadoras de ações terroristas; o segundo princípio trata-se das ações preventivas, ou seja, a contenção de ataques não ocorreria através de ameaças antes de serem atacados, mas por meio da destruição de seus inimigos; e por último, a afirmação de que os Estados Unidos jamais permitiram que sua soberania e poderio militar fossem desafiados novamente, como ocorreu em 11 de setembro de 2001.

A Doutrina Bush também aborda aspectos econômicos, visto que defendia o livre comércio e livre mercado para manutenção da segurança e crescimento nacional, conforme pode ser visto na citação abaixo retirada do documento oficial de segurança nacional divulgado em 2002.

“Uma economia mundial forte aumenta a nossa segurança nacional, promovendo a prosperidade e a liberdade no resto do mundo. O crescimento econômico apoiado pelo comércio livre e pelos mercados livres cria novos empregos e maiores rendimentos. Permite que as vidas das pessoas sejam retiradas da pobreza, estimula a reforma econômica e jurídica e a luta contra a corrupção, além de reforçar os hábitos de liberdade.” (THE NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002, cap. 6. p.6, tradução nossa).

## **8. A INVASÃO AMERICANA NO IRAQUE**

Após os ataques de 11 de setembro, George Bush começou a planejar o ataque ao Iraque com a justificativa de que Saddam continuava a fabricar armas de destruição em massa e para derrotar o eixo do mal formado por Irã, Iraque e Coreia do Norte. Em outubro de 2002 o congresso norte americano autorizou os ataques armados ao Iraque, com a justificativa que haviam provas suficientes sobre as armas. Em fevereiro de 2003 os EUA pediram para o conselho de segurança da ONU a autorização da ação militar no Iraque alegando que eles estavam desobedecendo o programa de armas de destruição em massa, porém não foi autorizado, pois a ONU queria que os inspetores de armas e a autoridade internacional de energia fossem ao Iraque para procurar evidências reais da existência das armas, porém os EUA não quiseram esperar pela investigação e formaram uma coalizão de países dispostos contra o Iraque.

“Nós devemos adaptar o conceito de ameaça iminente às capacidades e objetivos dos adversários atuais, Estados vilões e terroristas não procuram nos atacar utilizando meios convencionais. Eles sabem que tais ataques falharam. Em vez disso, eles baseiam-se em atos de terror, e potencialmente, no uso de armas de destruição em massa - armas que podem ser facilmente escondidas, secretamente entregues, e utilizadas sem aviso prévio.” (THE NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002, cap. 3. p. 3, tradução nossa).

O discurso de George Bush para a nação americana em 2003 afirma que o motivo é a suposta existência da ameaça de armas de destruição em massa no Iraque, mesmo sem nenhuma prova irrefutável a respeito de tal acusação, conforme pode ser visto na citação abaixo.

“A nossa nação entra neste conflito com relutância – mas o nosso propósito é certo. O povo dos Estados Unidos e os nossos amigos e aliados não viverão à mercê de um regime fora da lei que ameaça a paz com armas de assassinato em massa.” (Discurso de George Bush. Gabinete do Secretário de Imprensa, 2003, tradução nossa).

Durante o mesmo discurso, Bush também acusa Hussein de utilizar civis inocentes como escudo humano e que as forças armadas poupariam civis iraquianos

Trinta países participaram da coalizão, porém Reino Unido, Áustria e Polónia participaram ativamente com o envio de soldados e o Kuwait permitiu que a invasão fosse realizada a partir de seu território. A Espanha e a Itália deram apoio diplomático à coalizão e vários países do leste europeu também defendiam com a ideia de que de fato o Iraque possuía armamento de destruição em massa. Os dois países fronteiriços aos EUA , Canadá e México não apoiaram a invasão, assim como dois grandes aliados dos EUA na Europa: Alemanha e França. A Turquia, país membro da OTAN e vizinho ao Iraque era contra o ataque e países do oriente médio, como a Arabia Saudita que foram contra o Iraque na guerra do golfo , também não apoiaram a invasão.

“Sob as minhas ordens, as forças da coligação começaram a atacar alvos selecionados de importância militar para minar a capacidade de Saddam Hussein de travar a guerra. Estas são as etapas iniciais do que será uma campanha ampla e combinada. Mais de 35 países estão prestando apoio crucial – desde a utilização de bases navais e aéreas, para ajudar com informações e logística, até ao destacamento de unidades de combate. Cada

nação nesta coligação escolheu assumir o dever e partilhar a honra de servir na nossa defesa comum.” (Discurso de George Bush. Gabinete do Secretário de Imprensa, 2003, tradução nossa).

Conforme mencionado por Paulo Fagundes Vizentini, a Doutrina Bush foi uma política adotada pelos Estados Unidos para que fosse possível restabelecer o poder e a hegemonia americana no sistema internacional, que foram fortemente afetados após os ataques de 11 de setembro. Mesmo com o apoio da Inglaterra (que mostrou ser aliada dos americanos e contrária aos interesses europeus) e de países mediterrâneos e europeus orientais, a ação não obteve o apoio de aliados insubstituíveis da nação americana que também são os dois eixos principais da Europa Ocidental: França e Alemanha.

A ausência do apoio de dois países tão importantes em nível estrutural, mas também para as relações diplomáticas americanas gerou maior pressão sobre aqueles que eram aliados declarados dos americanos, pois não se tratava somente sobre um apoio diplomático perante a comunidade internacional para que o conflito fosse devidamente legitimado por ela, mas também de uma procura de auxílio financeiro por conta dos altos custos inerentes ao conflito e por ser uma maneira de fazer esses atores serem subservientes à lógica hegemônica e suprema americana. (VIZENTINI, 2004)

Diante dessa situação, os membros permanentes do Conselho da ONU se mostraram extremamente insatisfeitos com a lógica unilateral utilizada pelos Estados Unidos no tratamento de questões que fazem parte da agenda internacional, especialmente Rússia e China que se sentiam ameaçados pela operação criada para combater terroristas: a Guerra ao Terrorismo (VIZENTINI, 2004).

Entre 1991 e 2001, havia uma relação mais amigável entre os governos iraquiano e americano, especialmente porque o Iraque passou a estabelecer maior diplomacia com europeus, árabes, russos e chineses. Essa relação entre ambos os países era uma justificativa para a manutenção das tropas militares dos Estados Unidos no território iraquiano, mesmo que o objetivo na época fosse tornar possível para a nação americana controlar seus aliados na região do Oriente Médio, como a Arábia Saudita. No entanto, o interesse de também conseguir estabelecer e exercer maior controle sobre a região e sobre o petróleo, além da necessidade de mostrar o poder militar e armamentista se sobrepuseram à razão apresentada anteriormente, depois do 11 de setembro (VIZENTINI, 2004).

A oposição de membros do Conselho de Segurança e da OTAN à invasão ao Iraque provocou a ação unilateral dos Estados Unidos. Mesmo com o apoio político de outros países e apesar das diversas manifestações contrárias a qualquer tipo de ofensiva militar pelo mundo inteiro que posteriormente transformou-se em uma mobilização política de âmbito internacional, os Estados Unidos seguiu com a ofensiva, o que evidencia que, o maior custo da invasão americana no Iraque foi principalmente político e diplomático (VIZENTINI, 2004).

Na madrugada de 20 de março de 2003 começou a operação Iraqi Freedom com a intenção de tirar o governante Saddam Hussein do poder. Com o envio de 295 mil soldados enviados pelos EUA e alguns de seus aliados a invasão aconteceu pela fronteira com o Kuwait, país atacado pelo Iraque na Guerra do Golfo, e permitiu que a invasão começasse pelo seu território.

Em maio o exército iraquiano foi derrotado e o governo de Saddam Hussein foi derrubado, enquanto Hussein foi capturado, julgado e executado, o que também causou controvérsias porque, ainda segundo Vizentini, com a ocupação americana, passou a haver questionamentos a respeito da alegação prévia a respeito do perigo que o exército iraquiano representava, mas que foi derrotada tão rapidamente. Além disso, as mortes de diversos soldados e civis principalmente pelo uso de novo armamento por parte dos Estados Unidos, mesmo com a defesa da “guerra com mote zero” também impactou a imagem da invasão americana por terem ocorrido tantas mortes.

Nenhuma arma de destruição em massa foi encontrada no Iraque ,o que prova que os EUA não haviam evidências necessárias para o ataque e também nenhuma relação com a al-qaeda foi encontrado o que mostra que eles possuíam outros interesses com a invasão como por exemplo as reservas de petróleo no território iraquiano.

As tropas americanas se retiraram do país em 2011 e estima-se que 461 mil pessoas morreram de 2003 a 2011 e a guerra custou U\$ 3 trilhões aos EUA.

Os EUA perderam muita credibilidade no meio internacional com a invasão já que a maioria dos países considerou-a injusta e ilegal. Em 15 de fevereiro de 2003, milhares de europeus foram às ruas para protestar contra a guerra que estava por vir, até o papa João Paulo II declarou ser contra a ação pedindo o nobre exercício da diplomacia, além de alguns chefes

de governo da época como o francês Jacques Chirac, o russo Vladimir Putin e o brasileiro Lula também terem criticado os EUA pelo ataque ilegítimo. Porém nada disso impediu o Bush de prosseguir com a invasão alegando desarmar o Iraque e libertar seu povo do ditador Hussein após o mesmo recusar deixar o país em 48 horas. A invasão descredibilizou os EUA e seus aliados pelo fato de ter sido ilegal e violado a Carta das Nações Unidas.

## **9. A INFLUÊNCIA DO IRÃ NO ORIENTE MÉDIO**

De acordo com Farideh Fahri, o Irã possui interesses fundamentais no Iraque, especialmente na manutenção da integridade e estabilidade do território iraquiano que podem afetar a segurança nacional iraniana, somando-se ao fato de ser também interesse do Irã de obter um governo no Iraque que seja amigável, dado ao histórico instável entre ambas as nações após a revolução. Tal preocupação agravou-se ainda mais com a extensão do Estado Islâmico que ocorreu, ao passo que as negociações nucleares do Plano de Ação Conjunto Global (JPCOA), o qual trata-se de um acordo internacional a respeito do programa nuclear iraniano, ocorria, e que levantou sinais de alerta para a segurança nacional do Irã. Sendo assim, o Estado iraniano passou a aprofundar seus laços com atores institucionais e não institucionais iraquianos, por meio da adoção de iniciativas de treinamento com a Força de Mobilização Popular (PMF), com a intenção de que essas milícias auxiliassem na manutenção das relações entre ambos os Estados estruturada desde a invasão dos Estados Unidos.

A vantagem de possuir tamanhos laços no território iraquiano é a possibilidade dada ao Irã de conseguir se precaver e agir de forma rápida e assertiva diante de algum tipo de evento inesperado que possa prejudicá-lo e minar seus interesses. A resposta do Irã ao avanço do Estado Islâmico, por exemplo, proveio de um esforço diplomático e militar, tornando-se uma oportunidade de projeção iraniana como uma força regional, ao comparar-se com seus vizinhos considerados rivais no Oriente Médio (FAHRI, 2017).

Portanto, o posicionamento, flexibilidade e pragmatismo presentes na política externa do Iraque sobre o Oriente Médio é essencial para qualquer possível mudança ocorrida na região, visto que os iranianos continuam a dedicar-se em suas alianças para conquistarem seus maiores objetivos: a projeção de seu poder e a garantia da proteção e segurança nacional (FAHRI, 2017).

O Irã está localizado no golfo pérsico, onde está localizado 65% de todo petróleo mundial, sendo assim um dos maiores produtores e exportadores de petróleo e gás natural, um dos fundadores da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), um dos maiores aliados da Síria, que é apoiado por Rússia e China, uns dos maiores rivais dos EUA.

Disputando a hegemonia local com a Arábia Saudita, a desavença que já dura décadas se dá muito pela questão religiosa, o Irã com sua dominância Xiita e o Arábia Saudita sunita, faz com que os países islâmicos dependendo da vertente é identifica mais com um do que com outro. O conflito se assemelha à guerra fria já que não houve conflitos armados, porém possuem seus aliados na região, que se colocam a contra o país rival. A Arábia Saudita é um aliado, ainda que não um dos mais fortes e importantes dos EUA, então o Irã de certa forma fica preocupado com a influência do país na região e ocorre essa disputa de poder.

A aliança entre EUA e Arábia Saudita é justamente a maneira encontrada pelos americanos de conseguirem se opor ao Irã e sua tentativa hegemônica no Oriente Médio, fazendo com que os americanos almejassem conseguir reafirmar sua força sobre a região.

## **10. INTERESSES DOS ESTADOS UNIDOS NO ORIENTE MÉDIO**

Após a revolução islâmica o ocidente perdeu o seu poder de influência sobre o Irã, logo ao tentar retomar parte de seu poder na região, os EUA apoiaram o Iraque na guerra. No entanto, anos depois atacaram Afeganistão, Paquistão e Iraque, territórios fronteiriços ao Irã. O Irã possui uma influência na região pois apoiam os governos xiitas e são contra o Estado Islâmico e terroristas sunitas .

Os motivos que levam os EUA a querer barrar a influência do Irã no Oriente Médio é uma iniciativa de controle político, territorial e impedir o desenvolvimento de países não alinhados, além da busca americana por petróleo influenciar muito nessa procura por poder, já que o Irã, um grande produtor rompeu ligações com os EUA nos anos 80, tendo imposto impostas sanções para dificultar sua exportação. Logo, não era de interesse dos EUA não que um de seus grandes inimigos tivessem influência nos países vizinhos, também produtores de petróleo. A disputa de poder na região entre Irã e Arábia Saudita influencia diretamente a política e as ações americanas no Oriente Médio.

Os EUA buscam influenciar decisões políticas de países subdesenvolvidos e aqueles que não concordam podem sofrer graves consequências por isso.

Segundo Edward Said, uma das ideias fundamentais que forma a política externa dos Estados Unidos sobre o Oriente Médio é o livre fluxo do petróleo produzido pelas nações árabes. Portanto o posicionamento norte-americano de impedir uma maior integração entre os países árabes sempre foi uma forma de se opor às tentativas e vontades do Oriente Médio de se verem independentes e soberanos perante à hegemonia ocidental e aos seus respectivos valores.

De acordo com Emmanuel Todd, somente 18% do petróleo consumido pelos norte-americanos provém da região do Golfo Pérsico, enquanto o resto é produzido domesticamente e fornecido pelo Novo Mundo, uma zona que já é considerada segura para os Estados Unidos. No entanto, o petróleo árabe é majoritariamente comercializado com a Europa e o Japão, os quais são aqueles que mais desafiam a hegemonia e o domínio norte-americano. Logo, o interesse dos Estados Unidos sobre o petróleo árabe trata-se de uma forma de controlar o fornecimento de energia para esses países, de forma que também seja possível para os americanos exercerem seu poder e sua influência sobre eles.

Mesmo com a existência da Organização dos Países Exportadores Petrolíferos (OPEP), as políticas adotadas por ela visam os interesses dos membros da organização, não do Mundo Árabe como um todo. Portanto, a política externa dos Estados Unidos no Oriente Médio é especialmente organizada para impossibilitar o avanço de qualquer integração árabe que possa querer prejudicar seus interesses através da promoção de ideias que possam beneficiar os defensores de mudanças políticas econômicas e que reduzam o poder dos governantes estatais diante de seus recursos naturais e de seu povo.

Segundo Silvia Feraboli, a invasão dos Estados Unidos no Iraque tinha como motivação a instalação de um governo que fosse subserviente aos interesses americanos, de forma permanente e definitiva. Além disso, o governo americano também procurava encontrar na ocupação do Iraque uma maneira de controlar a Árabia Saudita militarmente, uma vez que a aliança com os sauditas era extremamente controversa, pois um grande número de terroristas envolvidos nos ataques de 11 de setembro eram sauditas.

Outro interesse que os Estados Unidos tinham na invasão no Iraque é a reafirmação da sua importância para a defesa e a proteção contra o terrorismo em escala global, ou seja, uma estratégia para que conseguissem continuar exercendo sua hegemonia e para combater o novo inimigo que era o terrorismo após a derrota da União Soviética e do comunismo durante a Guerra Fria (TODD, 2003).

Paulo Fagundes Vizentini também reafirma a necessidade americana de reformular sua política externa depois do 11 de setembro, com o intuito de restabelecer sua hegemonia no mundo e mostrar a sua vitalidade como potência militar para o sistema internacional, por meio da Guerra ao Terrorismo. Sendo assim, os países escolhidos para tal operação com esses objetivos foram os árabes-muçulmanos, os quais não obtêm grande capacidade de defesa e são mais vulneráveis na comunidade internacional e no tão chamado “eixo do mal”.

A escolha dos alvos foi estratégica, uma vez que controlar seus aliados como Japão e União Europeia era impossível e a Rússia é a única potência militar no mesmo nível, além da criação da cooperação entre Paris-Berlim-Moscou criada pelos russos que levantaram a possibilidade de realizar maior cooperação econômica e militar entre Rússia e União Europeia, que foi aceito com bons olhos pelo bloco, porém gerou problemas aos americanos por se tratar de uma ação que eles estavam tentando evitar. Isso agravou a preocupação dos Estados Unidos em restabelecer sua influência como ator militar e hegemônico imprescindível em nível estrutural, especialmente após as diplomacias francesa e alemã terem negado apoio político e militar à invasão ao Iraque (VIZENTINI, 2004).

Os americanos desejavam conseguir sua expansão internacional e o meio encontrado para tal foi justamente o uso de ações unilaterais para conseguir sua expansão internacional, utilizando também da estratégia de cercar o Irã, por meio de invasões como o caso do Iraque, mas também visto com o Afeganistão, ao passo que estabeleciam alianças com outros países da região, como Paquistão e Arábia Saudita, para tentar conter qualquer avanço do Irã sobre o Oriente Médio.

Outro motivo que leva os EUA a terem tanto interesse no Oriente Médio é a proteção ao Estado de Israel, país aliado que se localiza na região. Os EUA financiaram o Estado de Israel belicamente com o interesse de que eles aumentassem seu território, expandindo suas terras e adquirindo mais reservas de petróleo pertencentes aos países vizinhos. Com a guerra Israel x Palestina ocorrendo desde a década de 1940, a maioria dos países árabes ficou do lado

da palestina e os EUA financiando o Estado de Israel. Desde a segunda guerra mundial Israel foi o país que mais recebeu recursos financeiros dos EUA, e grande parte usado para auxílio militar, porém não foi apenas financeiramente que os ajudaram, como sabemos os Estados Unidos são membros permanentes do conselho de segurança da ONU, sendo assim barraram diversas sanções que prejudicariam Israel. O Irã é uma teocracia islâmica com grande poder na região, muito pelo fato de serem países islâmicos, o Irã e os Eua romperam ligações na década de 1980 e também o Irã é um grande aliado do Hamas, partido político armado palestino muito responsável pelos ataques a Israel, porém sem provas de que o Irã financie belicamente o grupo.

## **11. CONCLUSÃO**

Portanto, o desenvolvimento do presente trabalho permitiu a realização de uma pesquisa a respeito de como a invasão dos Estados Unidos no Iraque foi motivada pela necessidade americana de reduzir a influência do Irã sobre a região do Oriente Médio. Somando ao fato de também ter possibilitado a execução de uma análise que pudesse incluir os acontecimentos históricos relevantes ocorridos previamente ao conflito que impactaram os atores envolvidos e as relações entre eles, além da realização do estudo da Doutrina Bush que consiste na política adotada pelo governo americano pós-11 de setembro, seus interesses no Oriente Médio, e a influência exercida pelo Irã na região.

Para a sociedade o tema em questão teria impactos em diversas áreas como, com a estabilidade da região, pois com uma região mais segura e estável, haveria a possibilidade de evitar-se guerras, e conseqüentemente deslocamento em massa que ocasiona novas ondas de refugiados. Como a região é uma forte produtora de petróleo, constantes conflitos poderiam ocasionar em aumento do preço de combustíveis, e devido ao Oriente Médio ter vários grupos étnicos, a constante intervenção do ocidente na região poderia gerar mais conflitos, incluindo rebeliões que poderiam perpetuar a instabilidade na região. Já em relação ao meio acadêmico, é fundamental que seja analisado e compreendido o motivo que levou à invasão, porque trata-se de um momento histórico extremamente importante e complexo que deve ser debatido, para que não haja a disseminação de ideias equivocadas. Sendo assim, o presente estudo também é essencial para contribuir ao debate acadêmico.

Através dos estudos realizados no projeto, nota-se uma forte ambição dos Estados Unidos de diminuir a influência do Irã no Oriente Médio, o que ocasionou uma série de preocupações com as estratégias e os interesses regionais. Essa constante busca de limitar o

avanço iraniano na região causou diversos impactos como instabilidade regional que alarmou a segurança dos aliados dos americanos no Oriente Médio, sobretudo devido à questão das armas nucleares, frequentemente usada como um trunfo pelo regime iraniano. Ao restringir esse movimento de expansão iraniana, os Estados Unidos buscam mudar o seu modo de agir sobre a geopolítica da região; de maneira alinhada com seus objetivos e valores.

Com as pesquisas pôde-se concluir que as justificativas dadas pelos Estados Unidos para que ocorresse a invasão foram inválidas, já que não foram encontradas bombas de destruição em massa no território iraquiano, que foi uma das alegações para o ataque, tornando-o ilegítimo e foi apenas uma desculpa para o ato, concluímos que o que de fato motivou a invasão foi para diminuir a influência do Irã na região, com o interesse de ter um poder maior sobre as reservas de petróleo na região do Oriente Médio.

Logo, as leituras e análises realizadas para este estudo revelaram que, devido ao fato do Irã ser um importante ator no Oriente Médio, procura sempre assegurar sua influência sobre seus vizinhos, para que seja possível manter sua segurança nacional protegida e seus interesses garantidos. Sendo assim, os Estados Unidos que passaram a buscar o restabelecimento da sua hegemonia global e procurava uma forma de conseguir instaurar um sistema internacional unipolar, no qual a nação americana fosse a potência hegemônica em destaque se sentiam ameaçados pelo Irã que possui grande influência na região especialmente por ser um grande produtor de petróleo e gás natural e por não ser um país aliado aos americanos, como ocorre com Arábia Saudita, a qual além de manter uma aliança com os Estados Unidos também disputa uma hegemonia sobre o Oriente Médio com os iranianos.

Nesse sentido, nota-se uma preocupação clara dos EUA em conseguir se opor ao Irã através da sua aliança com a Arábia Saudita, para que fosse possível reafirmar sua força sobre o Oriente Médio, usando ações unilaterais para a expansão americana internacional.

Portanto, não seria do interesse dos americanos a existência de uma potência rica em um recurso tão importante para o mundo moderno como petróleo, que desafia ideia de unipolaridade americana e representa uma forte oposição aos americanos e seus ideais conseguindo exercer seu poder e seu desejo de hegemonia sobre a região que foi escolhida estrategicamente para os EUA conseguirem restabelecer sua relevância no sistema internacional.

O ato de isolar e cercar o Irã regionalmente é um claro exemplo da tentativa de contenção da influência iraniana, o que levou à invasão no Iraque, mas também no Afeganistão e no estabelecimento de alianças com Paquistão e Arábia Saudita, com o intuito dos americanos de poderem exercer suas políticas e agendas em territórios vizinhos ao

iraniano e impedir seu inimigo de fazer o mesmo ali., conseguindo pôr em prática o seu plano de expansão internacional.

Diante da pesquisa, então, é possível concluir que a invasão ao Iraque foi um momento histórico que pode ser explicado por meio de diversas causas, sendo uma delas a tentativa dos americanos de reduzir a influência do Irã sobre a região, mesmo que a necessidade de controlar o petróleo árabe que é de extrema vitalidade para a Europa Ocidental e Japão também tenha sido uma razão plausível, assim como a necessidade dos Estados Unidos de se imporem perante a comunidade internacional, após os ataques em 2001, já que eles desejavam manter sua hegemonia global e conseguir recuperar parte da sua relevância como potência militar, pois não havia mais um inimigo para combater em plano estrutural depois da derrota da União Soviética na Guerra Fria.

Dada a importância desse assunto, percebe-se que o estopim que levou à invasão foi os Estados Unidos quererem se reafirmar como potência e ampliaram o seu desejo de se tornar uma potência hegemônica, incluindo no Oriente Médio, onde o Irã é um importante ator que também possui a ambição de exercer sua hegemonia sobre seus vizinhos, porém também é um Estado que se opõe fortemente ao valores e influência americana, prejudicando os interesses da agenda americana na região, a qual escolheu o Iraque como alvo estratégico justamente para que conseguissem estabelecer sua unipolaridade no sistema internacional, almejando reduzir, então, a influência iraniana na região, pois com ela, não seria possível atingir seu principal objetivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITH, Márcio. **Doutrina Bush - Presidente EUA quer consolidar hegemonia mundial.**

Folha S. Paulo, Washington. Disponível em:

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/doutrina-bush-presidente-eua-quer-consolidar-hegemonia-mundial.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24/11/2023.

AMÂNCIO, THIAGO. **Premissas falsas para invasão do Iraque custaram credibilidade dos EUA.** Folha de São Paulo. São Paulo. Publicado em: 20/03/2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/premissas-falsas-para-invasao-do-iraque-custaram-credibilidade-dos-eua.shtml>. Acesso em 22/11/2023.

ARRAES, Virgílio Caixeta. **Guerra do Golfo: a crise da nova ordem mundial.** Scielo Brasil. Publicado em: junho, 2004. Disponível em;

<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/z6zMH9F5V5RwkWcR3bFnFnM/>. Acesso em: 25/10/2023.

CHEREM, Helena. **IRÃ: tudo o que você precisa saber.** Publicado em: 06/01/2020.

Atualizado em: 27/06/2023. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/ira-seculo-xx-aos-protestos/>. Acesso em: 16/11/2023.

**DO ALINHAMENTO À RIVALIDADE, ENTENDA A RELAÇÃO DE EUA E IRÃ NOS ÚLTIMOS 50 ANOS.** A Referência. Publicado e atualizado em: 15/04/2021.

Disponível em:

<https://areferencia.com/oriente-medio/do-alinhamento-a-rivalidade-entenda-a-relacao-de-eua-e-ira-nos-ultimos-50-anos/>. Acesso em: 23/11/2023.

**ENTENDA A TURBULENTA A RELAÇÃO DOS EUA COM O IRÃ.** Folha de S. Paulo. São Paulo. Publicado em: 08/01/2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/01/entenda-a-turbulenta-relacao-dos-eua-com-o-ira.shtml>. Acesso em: 11/11/2023.

FERABOLLI, Sílvia. **A (des)construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no Mundo Árabe.**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFRGS, 2005. Disponível em;

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7126/000539529.pdf?seq> . Acesso em: 14/11/2023.

GUIMARÃES, César. **A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo.** Scielo Brasil. Publicado em: dezembro, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/dzLhz3vyZcm3BKsbmssv74J/>, Acesso em: 15/11/2023.

MARCÍLIO, Ricardo. **O papel do Irã na geopolítica mundial.** Descomplica. Disponível em:

<https://descomplica.com.br/d/vs/aula/ao-vivo-o-papel-do-ira-na-geopolitica-mundial-20-08-2018-17h-15/#:~:text=%C3%89%20um%20dos%20principais%20parceiros,navios%20de%20exporta%C3%A7%C3%A3o%20do%20petr%C3%B3leo>. Acesso em: 23/11/2023.

MOAVENI, Azadeh. **Como um conflito de décadas com os EUA faz da vida dos iranianos uma montanha russa.** O Globo. Publicado em: 07/01/2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-como-um-conflito-de-decadas-com-os-eua-faz-da-vida-dos-iranianos-uma-montanha-russa-24173965>. Acesso em: 12/11/2023.

MORGADE, Alba. **EUA X Irã: o que originou a rivalidade de décadas entre os dois países**. Publicado em: 03/01/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50983943>. Acesso em 16/11/2023.

**PRESIDENT BUSH ADDRESSES THE NATION**. The White House Archives: Operation Iraqi Freedom. Iraq: Special Report, 2003. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/iraq/news/20030319-17.html>. Acesso em: 14/11/2023.

**POR QUE EUA E ALIADOS INVADIRAM O IRAQUE HÁ 20 ANOS?** BBC News. Publicado em 20/03/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c84m8d4xdzgo#:~:text=Em%2020%20de%20mar%C3%A7o%20de,a%C3%A7%C3%A3o%20militar%20contra%20o%20Ir%C3%A1que>. Acesso em: 16/11/2023.

ROMANO, Gabriel Dantas. **O longo conflito do Ocidente com o Irã: qual o interesse dos EUA hoje?** Le Monde Diplomatique. Publicado em: 22/02/ 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-longo-conflito-do-ocidente-com-o-ira-qual-o-interesse-dos-eua- hoje/> Acesso em: 14/11/2023.

SAID, Edward. **The Arab Condition**. Al-Ahram Weekly, Cairo, May 2003a. Disponível em: <http://weekly.ahram.org.eg/2003/639/on2.htm>. Acesso em: 16/11/2023.

SAID, Edward. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2003b.

SANCHES, Mariana. **Por que os EUA apoiam Israel?** BBC News. Publicado em: 11/10/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgl3jnpz7dyo>. Acesso em: 22/03/2023.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **A legalidade da Guerra do Iraque perante o Direito Internacional**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10155/10155.PDF> Acesso em: 15/11/2023.

SILVA, Daniel Neves. **Guerra do Golfo**. História do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-do-golfo.htm>. Acesso em: 26/10/2023.

**THE NATIONAL SECURITY STRATEGY**. Strengthen Alliances to Defeat Global Terrorism and Work to Prevent Attacks Against Us and Our Friends. The White House Archives: President George W. Bush. Washington, setembro de 2002. Capítulo 3, página 3. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2002/nss3.html.3> Acesso em: 11/10/2023.

**THE NATIONAL SECURITY STRATEGY**. Ignite a New Era of Global Economic Growth through Free Markets and Free Trade. The White House Archives: President George W. Bush. Washington, setembro, 2002. Capítulo 6, página 6. Disponível em:

<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2002/nss6.html>. Acesso em: 24/11/2023.

TODD, Emmanuel. **Depois do Império**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Da guerra ao terrorismo ao terrorismo da guerra: os Estados Unidos e sua agenda externa pós-11 de Setembro**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Maracanan, Rio de Janeiro, n°2, pp. 9-22.